

MEIO RURAL SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO: NARRATIVAS DE MULHERES NO PERÍODO DA PANDEMIA DE COVID-19

GABRIELI DAMASCENO MACEDO¹; LUISA LISLIE BOTH GRIEBLER²; CAMILA PEIXOTO FARIAS³; GIOVANA FAGUNDES LUCZISNKI⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – gabrielidamasceno.m@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – luisagriebler@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – pfcamila@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas - giovana.luczinski@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge a partir do projeto de pesquisa *Agora é que são elas: a pandemia de COVID-19 contada por mulheres*, realizada no curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) em parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A pesquisa conta com integrantes do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise Pulsional, juntamente com o Laboratório de Fenomenologia e Psicologia Existencial Epoché.

Foram feitos recortes dos dados a partir do conjunto maior de dados, visando visibilizar a pluralidade de experiências. Entre eles está o de mulheres que residem na zona rural do Brasil. É sobre este recorte que o presente trabalho irá se dedicar, fazendo articulações teóricas acerca do tema de gênero e zona rural, a partir de uma perspectiva parcial e localizada (HARAWAY, 2009) em que são evidenciadas as repercussões subjetivas do tema nas pesquisadoras.

Buscamos evidenciar as temáticas trazidas nas narrativas das respondentes, ampliando e trazendo à tona o imaginário social da zona rural que permeia nossa sociedade. Sublinhamos que a pretensão do trabalho não consiste em traçar um perfil das mulheres que residem em zonas rurais brasileiras, mas sim ampliar a discussão de gênero nesse contexto durante a pandemia da covid-19 no Brasil, evidenciando as narrativas de uma população historicamente invisibilizada.

1

2. METODOLOGIA

A pesquisa se constrói a partir da articulação entre as perspectivas da fenomenologia existencial crítica, da psicanálise contemporânea e das teorias feministas. O método existencial-fenomenológico a partir de uma perspectiva crítica em diálogo com o método psicanalítico evidenciam as experiências das participantes em suas dimensões singular e coletiva. Assim, propõem a construção de saberes que levam em consideração a dinâmica psíquica e o contexto sócio-histórico em que são produzidos. Em conjunto com as teorias feministas, nos permitem olhar para as narrativas a partir de uma perspectiva interseccional, atentando para como as dimensões de gênero, raça, classe e idade, entre outras, constituem as nossas experiências no mundo enquanto mulheres.

As atividades iniciais da pesquisa foram a construção de um questionário via plataforma online, o qual foi amplamente divulgado entre o período de 24 de maio de 2020 e 07 de junho de 2020. O instrumento foi composto por 27 questões objetivas e 6 questões que abrem espaço para as participantes trazerem as suas narrativas. Este questionário foi composto por perguntas que buscavam conhecer

¹ O presente trabalho recebeu apoio financeiro da FAPERGS e CNPQ.

as múltiplas realidades das mulheres no cenário da pandemia de COVID-19 para, assim, poder pensar nas possíveis repercussões sociais e psíquicas desse contexto.

O questionário usado como instrumento de pesquisa contou com a colaboração de 5.847 mulheres. Entre elas, 205 das respondentes declararam viver na zona rural do Brasil. O recorte em questão foi estabelecido por conta do histórico de silenciamento e invisibilização das mulheres que residem nesse meio. Iniciamos as investigações do recorte com a expectativa de encontrar narrativas ligadas a um imaginário rural caracterizado por uma outra temporalidade, pelo contato com a natureza e a tranquilidade. Em contraste com o imaginário urbano de aceleração, poluição, rotinas extenuantes de trabalho, falta de tempo e estresse. Nós elegemos duas questões como disparadoras para a investigação. São elas a pergunta de número 29, “Como você tem se sentido desde que a pandemia de COVID-19 começou (sentimentos e sensações)?”, e a de número 30, “Quais estão sendo seus maiores desafios frente à pandemia de COVID-19?” a fim de sistematizar o processo de pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O imaginário social, segundo MORAES (1997), “é composto por um conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetivo-social de uma cultura, um substrato ideológico mantido pela comunidade.” (MORAES, 1997, p.94). No caso da vida no campo, este nos remete à tranquilidade, ao contato com a natureza e à percepção de uma temporalidade distinta à do meio urbano. É comum que encontremos na literatura, arte e discurso social, a ideia de que a vida fora da zona urbana pode ser mais livre, sem horários marcados e sem aceleração, por exemplo, o que fica ainda mais visível ao observarmos os dados sobre o êxodo urbano, em especial durante a pandemia. A mídia os apresenta com exemplos de pessoas que abandonam a vida na cidade para viver no campo com a expectativa de ter uma vida mais tranquila (FILHO, 2022). Em nossa pesquisa, ao realizar a leitura das narrativas presentes no questionário, tais concepções parecem ser colocadas à prova. À medida que fomos entrando em contato com as narrativas das mulheres, atentas para as temáticas que apareceriam, nos encontramos com relatos que traziam o desafio em conciliar o trabalho, a família, as tarefas domésticas e um tempo de cuidado consigo mesmas. Esse encontro nos causou estranhamento por conta do contraste com as características de um imaginário social idealizado da vida no meio rural. Os relatos sugerem uma rotina acelerada, repleta de compromissos e tarefas, podendo ser destacado um ponto fundamental para a compreensão da sobrecarga narrada – o trabalho doméstico. A rotina que, muitas vezes, concilia o trabalho remunerado ao trabalho doméstico e ao cuidado de familiares desencadeia sentimentos como tristeza, ansiedade, cansaço e sobrecarga, citados pelas respondentes. Os sentimentos e sensações citados nestes relatos podem ser relacionados com o que a autora italiana SILVIA FEDERICI (2018) argumenta acerca do papel designado às mulheres na sociedade capitalista, sendo este o de responsável pelo cuidado das casas e dos familiares, sem nenhuma remuneração. Para a autora, estas atividades, chamadas de trabalho reprodutivo, não-remunerado, que não produzem imediatamente mercadorias, são colocadas em oposição ao trabalho produtivo que, de acordo com GÓIS (2019) define-se como atividades que produzem mercadoria imediatamente e recebem remuneração. Ainda assim ambas as atividades aparecem diretamente

relacionadas. Isto fica evidente quando olhamos para as narrativas em que mulheres afirmam realizar o trabalho doméstico enquanto seus maridos trabalham de forma remunerada, ainda que muitas destas respondentes afirmam trabalhar de forma remunerada, acumulando ambas as atividades. É significativo pontuar que muitas das participantes residem na zona rural, mas trabalham na zona urbana.

Em relação ao trabalho, 74,6% das respondentes afirmam trabalhar, 22,9% não trabalham e 2,4% foram demitidas durante a pandemia. Sobre o vínculo trabalhista, Destas, 30,2% afirmam trabalhar de forma autônoma, 35,1% estão empregadas no setor público e 12,2% no setor privado. Entre as respondentes que afirmam trabalhar, 59,5% afirmam não sair de casa para o desenvolvimento das atividades durante a pandemia, enquanto 26,8% precisaram sair de casa para trabalhar. Não foi questionado na pesquisa se elas eram responsáveis pelo trabalho doméstico, mas esta temática surgiu em outras perguntas que solicitavam que as respondentes relatassem seus sentimentos, desafios e histórias acontecidas durante a pandemia. Distanciando-se das concepções do ambiente rural que permeiam nosso imaginário, as narrativas demonstram que as mulheres que residem na zona rural do Brasil e que responderam à nossa pesquisa estão inseridas na lógica da aceleração e da produtividade, o que demonstra que a sobrecarga de atividades que ficam sob a responsabilidade das mulheres parece estar relacionada ao fato de serem mulheres e não ao local onde residem.

Ao longo da leitura das respostas, especificamente a de número 30 “Quais estão sendo seus maiores desafios frente à pandemia de COVID-19?” pôde-se perceber uma certa recorrência em temas relacionados ao cuidado, sendo este um papel historicamente designado às mulheres. Estas atividades podem envolver tanto o trabalho doméstico quanto o cuidado emocional, como a escuta e mediação de conflitos, por exemplo. Relatos que evidenciam essas questões e que contribuem para esta compreensão aparecem nas narrativas das mulheres da zona rural que participaram desta pesquisa. Como é possível reconhecer através do relato da participante de número 166: “Organizar minha vida: como mãe, dona de casa, professora. Realizar as tarefas de casa talvez seja meu maior desafio”. E também da participante de número 125, com a sua resposta à mesma questão:

“Cuidar da casa. Meu marido sai pra trabalhar todos os dias e acha que como fico em casa, posso cuidar dos filhos e da casa sem prejuízo do meu trabalho. Ele ajuda menos do que quando saímos todos de casa... Estamos pagando a diarista, mas ela está em casa: eu fiquei por conta da limpeza toda... Isso me deixa nervosa e chateada: odeio esse trabalho, e queria que meu tempo tivesse o mesmo valor, estando ou não em casa...”.

É significativo como algumas narrativas trazem a distinção entre trabalho produtivo e reprodutivo, como é possível notar na resposta da participante identificada de número 46: “Conciliar trabalho doméstico com o remunerado”. Ou ainda com a resposta da participante de número 139 à mesma questão: “Lidar com a completa falta de tempo para mim mesma, trabalho remunerado e estudos”.

No contexto de pandemia, em que o isolamento social foi uma das principais recomendações para a preservação da saúde, surgem novas interpelações nas dinâmicas familiares. Questionamos se a sobrecarga relatada

pelas respondentes está diretamente ligada ao contexto de pandemia, ou foi evidenciada por este. Fica evidente que as mulheres que participaram da pesquisa declarando que residem na zona rural enfrentam contextos sociais semelhantes aos contextos vivenciados pelas mulheres que residem em zonas urbanas, demonstrando que o trabalho reprodutivo parece estar tão presente na zona rural quanto na zona urbana. Ainda que geograficamente ocupem espaços que possuem especificidades que devem ser consideradas, as opressões da lógica social também estão presentes na vida das mulheres da zona rural,, em articulação com outros fatores estruturantes das suas experiências em sociedade como a raça, a classe e a idade.

4. CONCLUSÕES

Pode ser observado nas respostas analisadas que há uma grande diferença nos modos de ser e estar no mundo das mulheres residentes na zona rural ao que era esperado pelas pesquisadoras, que tinham suas expectativas articuladas ao imaginário social da zona rural que permeia nosso olhar.

Diante do fato de que a zona rural, muitas vezes, é idealizada e vista como um local mais seguro e tranquilo para viver, podem ser invisibilizadas as narrativas de populações que historicamente sofrem um processo de exclusão e silenciamento, como as mulheres. Desta forma, a pesquisa aponta para a importância da discussão de gênero no contexto da zona rural buscando evidenciar as narrativas destas que historicamente têm sido silenciadas. Neste sentido surge a discussão sobre o trabalho reprodutivo e lógica da produtividade, temas que em função do imaginário social parecem estar distantes da vida no campo, em especial no contexto de isolamento social, mas que a partir das narrativas das respondentes da pesquisa mostrou-se de grande relevância, com diversas repercussões na vida destas mulheres. Portanto, mostra-se importante a evidenciação e ampliação da discussão dessa temática.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FEDERICI, S. **O Ponto Zero da Revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2018.

FILHO, E. O novo êxodo urbano. **IstoÉ**. São Paulo, 11 mar. 2022. Acessado em 11 de agosto de 2022. Disponível em: <https://istoe.com.br/o-novo-exodo-urbano/>

GÓIS, T. **Trabalho reprodutivo e bem comum: entre a luta contra a exploração e a urgência de barrar a mercantilização da vida**. In: Colóquio Internacional Marx e o Marxismo, 2019, Niterói. Acessado em 11 de agosto de 2022. Online. Disponível em: <https://www.niepmarx.blog.br/MManteriores/MM2019/Trabalhos%20aprovados/MC30/MC302.pdf>

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 2009.

MORAES, D. de. **Notas sobre imaginário social e hegemonia cultural**. Revista Contracampo, n. 01, 1997.